

ESCRITA CONJUNTA PRESENCIAL E VIRTUAL: O QUE MUDA NA RELAÇÃO ENTRE OS PARCEIROS DE PRODUÇÃO?⁹⁹

Anne Carolline Dias Rocha Prado (UESB)

annerochaprado@gmail.com

Márcia Helena de Melo Pereira (UESB)

marciahelenad@yahoo.com.br

Filipe Santos Guerra (UESB)

filipe.guerra16@gmail.com

RESUMO

Neste trabalho, analisamos dados do processo de construção de dois textos escritos conjuntamente por uma dupla de estudantes universitários: uma resenha acadêmica, produzida de maneira presencial, e um resumo acadêmico, produzido virtualmente com o auxílio do *Google Docs* e do *Google Meet*. Nosso objetivo é verificar como a mudança para o ambiente digital interfere na participação, na negociação e nas escolhas dos parceiros de escrita, de maneira a modificar (ou não) a influência que um escrevente tem sobre o outro. Tomamos como base teórica a perspectiva dialógica da linguagem, empreendida pelo Círculo de Bakhtin (BAKHTIN, 2016; MEDVIÉDEV, 2012; VOLÓCHINOV, 2018). Segundo os autores, a relação com o outro é inerente a todas as manifestações da vida humana: a linguagem só existe na relação dialógica entre sujeitos socialmente organizados. Para eles, as escolhas linguísticas dos interlocutores se realizam sob a influência do outro e da sua resposta antecipada. Portanto, o outro é quem orienta a enunciação. De modo geral, nossos dados mostram que ocorre uma pequena, porém significativa, mudança na relação entre os escreventes, que resulta em uma maior participação de um dos sujeitos e, conseqüentemente, suas escolhas acabam aparecendo mais no texto feito virtualmente do que no texto feito presencialmente.

Palavras-chave:

Presencial. Virtual. Escrita conjunta.

ABSTRACT

In this work, we analyze data from the construction process of two texts written jointly by a pair of university students: an academic review, produced in person, and an academic summary, produced virtually with the help of *Google Docs* and *Google Meet*. Our objective is to verify how the change to the digital environment interferes in the participation, negotiation and choices of the writing partners, in order to modify (or not) the influence that one writer has over the other. We take as a theoretical basis the dialogical perspective of language, undertaken by the Circle of Bakhtin (BAKHTIN,

⁹⁹ O presente trabalho foi realizado com apoio financeiro do Programa Interno de Bolsas de Pós-Graduação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

2016; MEDVIÉDEV, 2012; VOLÓCHINOV, 2018). According to the authors, the relationship with the other is inherent to all manifestations of human life: language only exists in the dialogical relationship between socially organized subjects. For them, the language choices of the interlocutors are made under the influence of the other and their anticipated response. Therefore, the other is the one who guides the enunciation. In general, our data show that there is a small but significant change in the relationship between the writers, which results in a greater participation of one of the subjects and, consequently, their choices end up appearing more in the text done virtually than in the text in person.

Keywords:
Presential. Virtual. Joint writing.

1. Introdução

As práticas de leitura e escrita tais quais experienciamos nos dias de hoje são muito diferentes daquelas de tempos muito atrás. Isso se deve, principalmente, as novas tecnologias da informação e da comunicação que estão ao nosso dispor nos mais diferentes espaços sociais.

De acordo com Ribeiro (2021), os modos de ler e escrever foram bastante afetados por dispositivos com telas (das menores às maiores), e a produção escrita tem sido feita cada vez mais por meio de teclados e programas editores de texto, fontes, tipos e cores variadas. Nesse sentido, o *Google Docs*, por exemplo, tem sido crescentemente utilizado.

No último ano (2020), um novo cenário nos forçou a utilizar as ferramentas digitais com ainda mais frequência: fomos atingidos pela pandemia do novo coronavírus (COVID-19), e, com isso, orientados a mantermos o distanciamento social. Em nosso caso específico, tivemos que readequar a metodologia de coleta de dados para uma pesquisa¹⁰⁰ de doutoramento que estávamos realizando: recorremos, então, ao *Google Docse ao Google Meet*.

Com isso, foi possível observar que a mudança do ambiente presencial para o ambiente virtual modificou, também, o processo de participação, de negociação e de escolhas linguísticas/discursivas dos nossos sujeitos durante as produções textuais para a pesquisa, o que nos levou a refletir sobre essas mudanças.

¹⁰⁰ A pesquisa em questão, intitulada “A relação entre estilo e gênero na escrita individual e na escrita conjunta: estilos em intersecção”, está sendo desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), e é financiada pelo Programa Interno de Bolsas de Pós-Graduação da mesma universidade. O *corpus* utilizado neste trabalho adveio dessa pesquisa.

Sendo assim, nas páginas a seguir, apresentaremos uma discussão acerca de dois processos de construção de textos realizados por uma dupla de estudantes universitários em ambiente diferentes, com vistas a compreender de que maneira a mudança do presencial para o virtual pode interferir na relação entre os sujeitos escreventes, no sentido de modificar a influência que um tem sobre o outro. Nossa base teórica será a perspectiva dialógica da linguagem, empreendida pelo Círculo de Bakhtin.

2. *A perspectiva dialógica da linguagem e os diferentes modos de escrever*

O que hoje conhecemos como Círculo de Bakhtin foi um grupo de intelectuais de diferentes áreas que, aproximadamente entre os anos 1920 e 1930, se reunia em diferentes espaços políticos, sociais e culturais para debater ideias e discutir obras filosóficas. Nesse período, o grupo produziu diversas obras e elaborou uma concepção dialógica da linguagem que, hoje, tem sido fonte teórica basilar de diversas pesquisas. Nos anos que se seguiram, até por volta de 1970, outras produções de Mikhail Bakhtin consolidaram essa perspectiva de linguagem que se tornou o cerne do pensamento do grupo. Além de Bakhtin, outros dois nomes se destacam na construção do chamado pensamento bakhtiniano: Valentin Volóchinov e Pavel Medviédev. É a partir de obras desses três pensadores que desenvolveremos nossa reflexão.

Para compreender a linguagem do ponto de vista do Círculo de Bakhtin, é preciso entender a língua não como algo estagnado, pré-determinado, permanente, inalterável, mas como um fenômeno vivo, construído socialmente através do processo da comunicação discursiva. De acordo com esses estudiosos, é por meio da interação discursiva interação entre sujeitos socialmente organizados que a linguagem é posta em prática; o que não significa que essa interação se restringe ao diálogo, no sentido estrito da palavra, face a face, à uma conversa direta entre pessoas que estão frente a frente. A interação é, na verdade, “qualquer comunicação discursiva, independentemente do tipo” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 2019). Segundo, Medviédev (2012), a comunicação discursiva é inerente à língua e possui o caráter de um acontecimento ininterrupto, constituído por qualquer troca verbal. Para ele, nesse acontecimento ininterrupto, “uma palavra vive a vida da forma mais intensa possível” (MEDVIÉDEV, 2012, p. 154). Dessa comunicação discursiva, dessa interação social, resultam enunciados concretos e únicos, determinados pela forma

e pelo caráter dessa interação (BAKHTIN, 2016; VOLÓCHINOV, 2018).

Conforme destacam os teóricos, o enunciado é, ao mesmo tempo, um ato social e uma parte da realidade social, que organiza a comunicação sempre orientada para uma reação de resposta, para o outro, para os participantes do evento interativo: “desde o início da enunciação, o falante aguarda a resposta do ouvinte, espera uma ativa compreensão responsiva; e o ouvinte, ao compreender o discurso, ocupa uma ativa compreensão responsiva” (PRADO, 2019, p. 44). Trata-se, portanto, da alternância dos sujeitos do discurso, da orientação dialógica, que define as escolhas linguísticas e discursivas do falante, levando em conta a influência do destinatário e da sua resposta antecipada. Nas palavras de Bakhtin:

Em cada enunciado – da réplica monovocal do cotidiano às grandes e complexas obras de ciência ou literatura – abrangemos, interpretamos, sentimos a *intenção discursiva* ou a *vontade de produzir sentido* por parte do falante, que determina a totalidade do enunciado, o seu volume e as suas fronteiras (BAKHTIN, 2016, p. 37)

Sendo assim, na perspectiva dialógica da linguagem, o papel do outro é fundamental para a comunicação discursiva. Vale ressaltar que esse outro é, também, outros discursos atravessam a enunciação, uma vez que todos os nossos enunciados estão cheios de palavras de outrem, explícitas ou não, as quais compreendemos, apreendemos, reelaboramos, reacentuamos, de acordo com o nosso propósito comunicativo.

Cabe acrescentar que, uma vez que a linguagem é social, histórica e cultural, ela vive e se modifica junto com a própria vida. Nos últimos anos, sobretudo com o advento da *web 2.0* e do desenvolvimento de novas tecnologias, a linguagem tem sido profundamente afetada, e novas formas de interagir e se comunicar têm surgido. As práticas de leitura e escrita, por exemplo, que há milhares de anos vêm se desenvolvendo e sofrendo mudanças mais ou menos significativas, seguindo as invenções, as circunstâncias e as contingências sociais, atualmente são alvos de intensas transformações.

Segundo Ribeiro (2018), as práticas sociais ligadas à leitura e à escrita são diversas em diferentes épocas e espaços. Sendo assim, a cultura escrita (mais especificamente), “uma cultura baseada na palavra, no texto, em algum tipo de código, alfabético ou não, inscrita em algum material” (RIBEIRO, 2018, p. 12), é abrangente e é dentro dela que ocorrem mudanças que a transformam e até a subdividem. Há, por exemplo, den-

tro da cultura escrita, a cultura impressa, a cultura manuscrita e a cultura digital.

A cultura digital, consoante a linguista aplicada, possibilita um novo modo de escrever, mediado por máquinas e redes telemáticas, que altera os letramentos e as relações das pessoas com o texto, com o escrito, com as leituras, com as formas de produzir, publicar, editar, difundir e fazer circular os objetos de leitura. Essas inovações, porém, não implicam a exclusão de outros modos de ler e escrever, pelo contrário, os diferentes modos se integram e se incrementam entre si: “As técnicas e tecnologias da escrita de que dispomos hoje são mais uma fase (...) (da) história, que não despreza nenhuma anterior” (RIBEIRO, 2018, p. 85). Sendo assim, estamos sempre convivendo com processos vários e gêneros e textos diversos. Da mesma maneira, as diferentes formas de leitura e escrita estão sempre misturadas “a nossos modos de vida, às nossas vivências, ao nosso modo de operar em sociedade” (RIBEIRO, 2018, p. 86).

3. O que nos dizem os dados

O *corpus* que analisaremos a seguir foi capturado a partir do processo de construção de dois textos elaborados por uma dupla de estudantes universitários.

O primeiro texto, uma resenha acadêmica, foi elaborado presencialmente, tendo como base o vídeo “Raiva de Monteiro Lobato”, do filósofo Mário Sérgio Cortella. A resenha foi escrita na ferramenta de criação e edição de textos *Microsoft Word*, e as ações realizadas no computador foram registradas em vídeo com o auxílio do *software OBS Studio*, que também gravou o áudio da conversa mantida pela dupla enquanto elaborava o texto. Dessa forma, pudemos capturar o processo de negociação, as participações e as escolhas linguísticas e discursivas feitas pelos sujeitos.

O segundo texto, um resumo acadêmico, foi produzido virtualmente e teve como texto-base o artigo “*É verdade que Friends é uma cópia de série com seis amigos negros em Nova York?*”, do jornalista João da Paz. Para captar os dados, utilizamos, além do *OBS Studio*, o *Google Docs* e o *Google Meet*. O *Google Docs* é uma ferramenta *on-line* semelhante ao *Microsoft Word*, que possibilita a visualização e a edição compartilhada de textos por quem foi autorizado a ter acesso ao arquivo, de maneira simultânea ou não, e independentemente de estarem ou não no

mesmo ambiente. O *Google Meet* é uma plataforma para chamadas de áudio e vídeo, que permite o compartilhamento de documentos, vídeos e outros arquivos para todos os participantes da chamada, além de mensagens instantâneas no *chat*, tudo em tempo real. Utilizamos o primeiro para a elaboração e edição simultânea do texto, e o segundo para que o contato direto entre a dupla fosse mantido. É importante ressaltar que os escreventes estavam cada um em sua casa, e apenas um dos computadores teve a tela capturada pelo *OBS*.

Os diálogos entre os escreventes foram transcritos e são essas transcrições que apresentaremos nesta análise. Como dispomos de pouco espaço, traremos apenas alguns exemplos a título de ilustração.

Primeiramente, podemos dizer, levando em consideração os pressupostos teóricos do Círculo de Bakhtin, que os trechos mostrados a seguir revelam a interação social entre dois sujeitos socialmente organizados, que realizam um sucessivo diálogo entre si e com outros discursos, influenciando e sendo influenciados em suas escolhas, orientando toda a enunciação.

Vejamos, então, um trecho do diálogo entre A. e M. enquanto produziam o resumo, de maneira virtual.

Resumo – Virtual
<p>M.: Eu acho muito estranho. Eu fico com receio de escrever, porque parece que eu tô invadindo o texto, assim.</p> <p>A.: Não tá nada. É teu também.</p> <p>M.: Eu sei, mas... (Risos).</p>

Fonte: Banco de dados dos pesquisadores.

Conforme dissemos anteriormente, o *Google Docs* possibilita a visualização e a edição de determinado arquivo por aqueles que têm acesso a ele. Essa visualização e essa edição podem ocorrer sincronicamente, como foi o caso da produção realizada por A. e M. No trecho que vemos acima, M. se mostra desconfortável em editar o texto no *Google Docs*, com receio de estar “invadindo o texto”. A., porém argumenta que o texto é de ambos.

Inicialmente, podemos supor que M. não participará ativamente da construção do texto, ou que fará participações pequenas; todavia, adi-

ante, veremos que a insegurança do estudante se restringe a fazer edições diretamente no texto: ele terá uma participação ativa na elaboração textual, apresentando ideias e argumentado em favor delas, discutindo possibilidades, rebatendo, numa posição ativamente responsiva.

Vale destacar que, na produção textual realizada presencialmente, também A. foi o encarregado de escrever o texto.

Os dados apresentados a seguir, estarão em duas colunas: de um lado, fragmentos da conversa mantida por A. e M. durante a elaboração presencial da resenha e, do outro, trechos da conversa mantida durante a produção virtual do resumo.

Resenha – Presencial	Resumo – Virtual
<p>A.: Um dos vídeos... e coloca... Um dos vídeos de Cortella... Tipo assim, bastante veiculado na internet. Como é que a gente bota isso?</p> <p>M.: Bastante veiculado na internet. (Risos).</p> <p>A.: (Risos).</p> <p>M.: Não achei que tá ruim.</p>	<p>M.: Sim. A gente pode falar: escrito por João da Paz e publicado no site, publicado no <i>Notícias da TV</i> do site UOL... Não sei.</p> <p>A.: É, é, pronto. Publicado no <i>Notícias, Notícias da TV</i>. É isso?</p> <p>M.: Isso. Isso. <i>Notícias da TV</i>.</p> <p>A.: É... Escrito por João da Paz. O texto intitulado tal e tal, escrito por João da Paz e publicado no <i>Notícias da TV</i>... Bota UOL?</p>

Fonte: Banco de dados dos pesquisadores.

Nos trechos ora apresentados, vemos, na produção presencial, que M. não faz qualquer sugestão quando A. pergunta “Como é que a gente bota isso?”. A. ainda estava organizando a ideia, mas, para M., já estava suficientemente bom. Entretanto, na produção virtual, M. faz uma sugestão que é prontamente aceita por A.. Juntos, os estudantes organizam a ideia, que é textualizada por A.

Podemos observar, nesses dados, a alternância dos sujeitos do discurso funcionando conforme postulam os intelectuais do Círculo de Bakhtin: “O falante termina o seu enunciado para passar a palavra ao outro ou dar lugar à sua compreensão ativamente responsiva” (BAKHTIN, 2016, p. 29). Contudo, na elaboração textual realizada presencialmente, a atitude responsiva de M. é mais passiva, mais silenciosa, baseada na compreensão e na concordância; na elaboração realizada de maneira virtual, por sua vez, ocupa uma posição mais ativa. Vejamos outro trecho do *corpus*.

Resenha – Presencial	Resumo – Virtual
<p>A.: Cortella inicia seu discurso, né?</p> <p>M.: Lembrando... é ruim?</p> <p>A.: Não, acho bonito. Relembrando o primeiro livro, sua primeira leitura... sua primeira leitura, qual seja, <i>Reinações de Narizinho</i>, de Monteiro... Ai, que raiva de Monteiro Lobato! (Risos)... De Monteiro Lobato. Você acha... É... O bom da resenha é a gente trazer coisas de fora, né? Você acha que precisa falar da...</p> <p>M.: Da censura?</p> <p>A.: Não, da Clarice Lispector... A gente pode falar: que, curiosamente, que, tipo assim, não é uma informação relevante, mas é uma informação.</p> <p>M.: Hunrum.</p> <p>A.: Curiosamente, foi o objeto... vou botar bem assim, ó: livro-objeto-desejo. Que que você acha?</p> <p>M.: Bom.</p>	<p>M.: Isso. O que eu acho legal a gente dizer é que são, tipo, sei lá... É que não aqui ainda direito, mas é que são três personagens mulheres e dois homens, entendeu? E que, nas duas séries, né? E isso que você falou, que a personalidade deles é idêntica. É uma cópia mesmo, né? Quer dizer, a gente não fala que é uma cópia, né? No texto. Não afirma que é uma cópia. Mas o que ele traz é isso, né? Que são personagens correspondentes, tipo, no gênero, que são, sei lá, três mulheres e dois homens... não sei se é isso, a gente tem que olhar direito pra ver se é... e que têm personalidades idênticas, né? Acho que a gente fala isso mesmo. Comenta... num parágrafo acho que dá. Agora, deixa eu ver aqui o que ele fala... Ó... Na verdade, pela foto dá pra ver, né? Pela foto da capa do...</p> <p>A.: Sim.</p> <p>M.: Mas, na verdade, se a gente trouxe essas informações agora... Você tá escrevendo? É que aqui pra mim não tá aparecendo o que você tá escrevendo.</p> <p>A.: Agora, não. Mas eu escrevi enquanto você pesquisava. O que você tava falando, inclusive... De correspondente... até usei tua palavra aí.</p> <p>M.: Xô ler aqui.</p>

Fonte: Banco de dados dos pesquisadores.

Nos excertos supramencionados, M., mais uma vez, se põe em um lugar de passividade durante a construção textual realizada de maneira presencial. Primeiro, o estudante sugere o uso do termo “lembrando”, mas já insinua, por meio de uma pergunta, que, talvez, a palavra seja ruim, o que é rebatido por A. Em seguida, A. comenta a possibilidade de inserir, na resenha, um diálogo com *Felicidade Clandestina*, conto de Clarice Lispector, algo que ele já havia proposto anteriormente, e M. havia achado graça. Dessa vez, porém, M. aceita a ideia sem fazer qualquer objeção.

Por outro lado, na produção virtual do resumo, M. diz o que precisa ser colocado no texto, apresenta toda a ideia, mostrando diversas explicações e argumentos. Enquanto isso, A. assente silenciosamente e textualiza o que diz o seu parceiro de escrita, o que fica claro com a declaração “Mas eu escrevi enquanto você pesquisava. O que você tava falando, inclusive... De correspondente... até usei tua palavra aí”.

Podemos observar, ainda, no diálogo mantido pela dupla durante a construção da resenha, que, além do diálogo entre os interlocutores, há, também, um diálogo explícito com outro discurso: o texto de Clarice Lispector. Lembremos que, de acordo com o pensamento bakhtiniano, apesar de o diálogo face a face ser a forma mais clássica da comunicação discursiva, as relações dialógicas não acontecem apenas no diálogo real, nas réplicas desse diálogo, mas todo enunciado é “plenos de tonalidades dialógicas” (BAKHTIN, 2016, p. 59).

Por último, vamos observar mais dois excertos dos nossos dados.

Resenha – Presencial	Resumo – Virtual
<p>A.: Esse “além disso” tá meio problemático?</p> <p>M.: Não. Tá ótimo. Eu só achei assim... “o próprio autor”, tipo, Cortella ou Monteiro Lobato?</p> <p>A.: Eu acho que não, porque a gente se refere à Cortella como escritor, a gente nunca disse que ele é autor.</p> <p>M.: Ah, sim. Eu acho que é o vício de que, geralmente, quando escreve resenha, quando fala de autor, é aquele que tá escrevendo o texto...</p>	<p>A.: A gente pode, a gente pode, pode dizer de forma superficial isso aqui né? Vou botar lá que uma foi aos domingos, a outra foi as quintas, e eram no mesmo horário, e cada uma tinha um público alvo, é o que o cara tá dizendo né?</p> <p>M.: É, ele fala isso. É... o diretor da série ou do canal que fala isso?</p> <p>A.: Não. Eu tô falando que quem fala isso é o Paz.</p> <p>[...]</p> <p>M.: Sim. Eu não acho que é importante</p>

<p>A.: Ah, entendi. Mas a gente pode botar... A gente pode trocar... Além disso, o próprio Monteiro Lobato... Você acha que deu mais...</p> <p>M.: Não, acho que não. É que, assim, acho que é isso, acho que é o vício da gente ler, quando a gente ler uma resenha, que fala de autor, é aquele que fez. E, por ser Cortella, aquele que tá falando, eu remeto autor a ele. Entendeu? Mas eu acho que... Acho que não, porque, realmente, citou aqui, né? Lobato...</p> <p>A.: Tem certeza?</p> <p>M.: Bora botar Monteiro Lobato pra não correr o risco.</p>	<p>isso de horários, tipo assim, porque, claro que era uma concorrência, né? Se era um plágio... Mas o que eu acho que era legal falar, que, na verdade, já ia puxar pro último tópico, era disso de... da justificativa de...</p> <p>A.: Do público alvo.</p> <p>M.: Isso. Porque que... Que ele fala, né? Que, tipo assim, do público alvo. Isso. Que seria a justificativa de ter criado uma outra série igual, só que com pessoas brancas.</p> <p>A.: Hunrum. Tá. Como é que a gente fala?</p>
---	---

Fonte: Banco de dados dos pesquisadores.

Nesse último trecho dos dados do texto elaborado de maneira presencial, vemos que M. sugere uma mudança, pois, para ele, o uso de “o autor” está ambíguo. A. contra-argumenta e M. imediatamente começa a dizer que talvez seja um vício dele, um costume por ser comum o uso de “o autor” em resenhas para se referir ao responsável pela obra-fonte. Assim, ele não insiste que o trecho está ambíguo e é A. quem opta por fazer a troca, para não correr o risco de o leitor fazer uma leitura equivocada, o que mostra que, de fato, poderia haver dupla interpretação. Embora sua observação estivesse correta, M. não insistiu nela.

Na produção do resumo, mais uma vez, observamos M. em uma postura ativa. Dessa vez, ele, além de discordar de A. sobre a inserção de informações a respeito dos horários em que as séries comparadas no texto eram exibidas, argumentando que não eram informações importantes, também defende a importância de se falar do público-alvo das séries, pois, dessa forma, poderiam fazer uma conexão com o parágrafo do resumo que viria a seguir.

Em nosso *corpus*, encontramos diversos outros momentos de diálogo em que foi possível perceber mudanças na relação entre A. e M. de um ambiente de escrita para outro. Todavia, considerando a nossa disponibilidade de espaço, finalizaremos as nossas reflexões na seção que se segue.

4. Conclusão

Nesta investigação, nos propomos a investigar como a mudança do ambiente presencial para o ambiente virtual interfere na relação entre uma dupla de estudantes universitários durante o processo de construção de uma resenha e de um resumo, de maneira a modificar (ou não) a influência que um tem sobre o outro nesse processo.

De modo geral, nossos dados mostram que A. tem o domínio das duas produções, demonstrando estar à vontade tanto em uma quanto em outra forma de interação com seu parceiro de produção. M. por sua vez, participa mais ativamente do texto produzido virtualmente: enquanto na resenha, elaborada presencialmente, ele aceita com mais facilidade as sugestões de A., fazendo menos acréscimos e questionamentos, no resumo, elaborado de forma virtual, M. se mostra mais participativo, questionando, argumentando e apresentando suas ideias; conseqüentemente, suas escolhas linguísticas acabam aparecendo mais no texto feito virtualmente do que no texto feito presencialmente.

Dessa forma, podemos concluir que embora tenha havido influência mútua entre os escreventes nas duas produções, houve mudanças no processo de negociação entre eles. Assim, entendemos que a mudança do ambiente presencial para o virtual não dificultou a relação entre os parceiros de produção; ao contrário, parece ter facilitado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016, p. 11-69.

MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievitch. *O método formal nos estudos literários*: Introdução crítica a uma poética sociológica. Tradução de Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012.

PRADO, Anne Carolline Dias Rocha. *Participação, negociação e escolhas*: como acontece a escrita conjunta no processo de construção de uma resenha?. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2019. 154f.

RIBEIRO, Ana Elisa. *Escrever hoje: palavra, imagem e tecnologias digitais na educação*. São Paulo: Parábola, 2018.

RIBEIRO, Ana Elisa. *Multimodalidade, textos e tecnologias: provocações para a sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2021.

VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018.